



Robert Galbraith/Reuters - 4/10/11



Tim Cook, braço direito de Jobs, assume o desafio de comandar a Apple

# CHARME NA DISCRICÃO

Com a difícil missão de substituir o inventivo criador do iPhone e do iPad, Tim Cook pode surpreender o mundo da tecnologia exatamente por seu estilo reservado

» MAX MILLIANO MELO

De acordo com o Google, “Tim Cook”, nome do homem que tem a difícil missão de substituir Steve Jobs no comando da Apple, registra aproximadamente 8,5 milhões de menções na internet. O número é cerca de 10 vezes menor do que o de seu ex-chefe, que é citado 84,4 milhões de vezes na rede mundial da computadores. As diferenças entre os números traduzem, de certa maneira, o tamanho do desafio que o tímido norte-americano sulista, que acorda diariamente às 4h da manhã, tem pela frente: sair da sombra de uma das mais célebres e inventivas mentes e estabelecer a sua marca em uma das empresas campeãs de inovação no planeta. A criatura conseguirá se libertar do criador? Só o tempo dirá.

Cook definitivamente não tem o mesmo carisma e popularidade de Jobs, que fazia de cada lançamento da Apple um espetáculo em que ele era a estrela principal. Essa característica, vista como negativa num primeiro momento, pode se tornar, no entanto, o principal trunfo do executivo para imprimir sua marca no império da maçã: mais do que brilhar solitariamente, Tim sabe como abrir o caminho para que seu time faça sucesso. “Visto seu passado, acredito que ele tenha mostrado seu estilo: ele é do tipo que se ocupa do geral, e deixa sua equipe entrar nos detalhes”, opina o analista Frank Gillett, da Forrester Research.

Exemplo disso foi o evento de lançamento do iPhone 4S, na última terça-feira. Elegante em uma camiseta cinza escuro e uma calça jeans

preta, o atual CEO da empresa limitou-se a elencar as qualidades do produto — já conhecidas do grande público —, deixando para o diretor de marketing, Phil Schiller, as explicações das funções do novo aparelho. No evento, as frases de efeito e os bordões à la Jobs, deram lugar a uma voz suave e cadente, classificada como “hipnotizante”, pelo portal de tecnologia Mashable.

Se Steve Jobs desempenhou nas últimas décadas o papel protagonista do circo Apple, Tim Cook se manteve como uma espécie de diretor dos espetáculos. Nos bastidores, cuidou para que o império da tecnologia funcionasse. Enquanto Jobs deixava o público boquiaberto, impondo um novo paradigma sobre como as pessoas se relacionam com as diversas formas de tecnologia, Cook garantia que esses produtos — que se tornam obsoletos em questão de meses, no dinâmico mercado da informática — estivessem nos locais certos e na hora certa, esvaziando os estoques e enchendo os cofres da empresa.

## Cofre cheio

Nascido em 1960 na pequena localidade de Robertsdale, no sul do Alabama, às margens do Golfo do México, Tim viveu seus primeiros anos em uma típica família de classe média do sul dos Estados Unidos. Seu pai trabalhava em um estaleiro de navios, enquanto a mãe era dona de casa. Formou-se em Engenharia Industrial na Universidade de Auburn, em 1982. Seis anos depois,

terminou seu MBA na renomada Universidade de Duke, na Carolina do Norte.

Durante 12 anos, ele trabalhou como executivo da IBM, empresa que deixou para ingressar na Compaq, hoje uma subsidiária da companhia Hewlett-Packard. A transição de Tim Cook da empresa famosa por suas impressoras para a marca que, anos depois, decretaria o fim do papel, ao apresentar para o mundo os tablets, aconteceu em 1998. A Apple, que nadava contra a falência, tentava reorganizar seu modelo de negócio, diminuir estoques e ampliar sua eficiência. Jobs procurava, sem sucesso, um homem que comandasse essa mudança.

O jeito meio esquisito de Tim Cook foi o que teria atraído a atenção de Jobs, que viu nele a mente que o ajudaria a reorganizar sua empresa. “O cara tinha barba e colecionava poltronas de barbeiros. Steve procurava alguém com

quem tivesse afinidades emocionais”, contou ao *Wall Street Journal* Rick Devine, responsável por apresentar Tim a Jobs. Ao recém-contratado, coube a missão de coordenar a distribuição e aumentar os lucros obtidos com as vendas dos iPads, assegurando que os produtos da maçã não apodrescessem nos armazéns.

Na longa luta de Jobs contra o câncer, foi Tim quem ocupou o cargo de CEO da empresa. Em 2004, quando o líder da companhia se recuperava de uma cirurgia no pâncreas, Cook assumiu o cargo por dois meses. O mesmo ocorreu em 2009, quando seu chefe se submeteu a uma cirurgia no fígado e passou a maior parte do ano afastado do trabalho. Quando o fundador da Apple deixou pela última vez o cargo, em janeiro deste ano, novamente Tim foi o indicado pelo próprio Jobs para tocar seu legado, uma decisão que foi acatada pelo conselho diretor da empresa.

Nas duas primeiras experiências, o executivo deixou boas impressões, inclusive em respeitados nomes do mundo da tecnologia, que o credenciaram para assumir a missão de substituir Steve Jobs, definitivamente, desde agosto. “Eu não o conheço pessoalmente, mas posso dizer que ele fez um bom trabalho até agora. A inovação vai continuar”, opinou ao *Correio* Vint Cerf, um dos fundadores da internet. “Resta saber se ele vai ter a clarividência de mercado para a empresa. Isso era único em Jobs. Só ele tinha isso, por isso tanta gente está de luto”, completou Luciano Kubrusly, ex-diretor da Apple no Brasil.

## Homem do dia a dia

Foram as ligações emocionais com Steve Jobs, mas principalmente as habilidades como gerenciador do império Apple, que tornaram Tim Cook o homem forte da empresa. Enquanto o chefe tomava as grandes decisões sobre inovação, o executivo tocava o dia a dia da marca. “Quando veio da Compaq, Tim era referência na parte de operações e fez isso brilhantemente na Apple”, conta Luciano Kubrusly, que por uma década dirigiu a fabricante de iPads e iPhones no Brasil.

## AÇÕES REFLETEM CONFIANÇA

» GUSTAVO HENRIQUE BRAGA

O impacto da morte de Steve Jobs entre os investidores no primeiro pregão sem o criador da Apple ficou restrito ao campo emocional. Apesar do luto espalhado entre empresários e fãs no mundo todo, as ações da maior empresa de tecnologia do mundo fecharam a quinta-feira praticamente estáveis, cotadas a US\$ 377 — ligeira queda de 0,2%. A confiança dos acionistas na continuidade da força criativa da companhia, que revolucionou a tecnologia, leva em conta o fato de Jobs ter preparado muito bem a sua sucessão. Isso ficou claro em agosto, quando ele se despediu de vez do comando da Apple. Mesmo assim, ela permaneceu como a firma mais valiosa do mundo.

“A curto prazo, nada muda. As vendas do iPhone continuarão a crescer e os clientes, a fazer filas nas portas das lojas para comprar os últimos lançamentos da Apple”, apostou Breno Masi, sócio-diretor da FingerTips, especializada no desenvolvimento de aplicativos e primeiro brasileiro a ter desbloqueado um iPhone. “Com certeza, a Apple tem um mapa para lançamentos nos próximos quatro ou cinco anos. A tendência é de o iPhone vender ainda mais com a nova versão, mais barata, de forma a ampliar a participação no segmento de celulares. O anúncio do 4S

(modelo de iPhone) deixou claro a tática de popularizar a tecnologia”, emendou.

Avaliação semelhante tem Cássio Gondim, coordenador da área de Tecnologia em Computação Gráfica (Tecgraf) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). “Jobs deixou uma base sólida o bastante para que a Apple se mantenha na posição de referência mundial em inovação pelos próximos três a cinco anos”, disse. O especialista defendeu que empresas concorrentes, como Sony, LG e Samsung, podem ter a impressão de que o momento é propício para conquistar os clientes da Apple, mas essa vantagem é muito mais psicológica do que real.

“Ninguém conseguiu entender o mercado tão bem quanto Steve Jobs e ele deixou essa semente em seus diretores. Por enquanto, a concorrência continuará perdida, à espera dos lançamentos da Apple”, acrescentou Gondim. “Jobs deixou uma equipe alinhada com o raciocínio dele que se empenhará em melhorar o legado”, reforçou Celso Fortes, diretor da agência Novos Elementos, especializada em criação e gestão de conteúdos digitais. Parte dessa equipe ganhou visibilidade mundial na

**US\$ 377**

Cotações dos papéis da Apple ontem nas bolsas de valores, com ligeira queda de 0,2%

Kevork Djansizian/AFP - 4/10/11



Investidores acreditam que atual comando da empresa, que tem Scott Forstall como um dos vice-presidentes, é capaz

ocasião do lançamento do iPhone 4S, como os vice-presidentes de iOS, Scott Forstall, de softwares para internet, Eddy Cue, e de marketing, Phil Schiller.

Bruno Freitas, analista da consultoria IDC, também duvida que a morte de Jobs não resul-

tará em impacto negativo na venda de iPhones. “O smartphone da Apple continuará a ser um produto premium”, observou. Ele ponderou que a companhia deve se manter ainda líder no setor de tablets, embora a disputa com concorrentes como a Samsung e a Amazon tenda a ficar cada vez mais acirrada. “A concorrência será forte em 2012, por conta do avanço natural da tecnologia”, previu Freitas.

Erick Vils, diretor da Websoftware, empresa especializada em plataformas online, afirmou que a Apple ainda tem algumas cartas na manga, como a liberação do aguardado sistema operacional iOS 5, mas que, depois disso, a companhia terá de provar que é capaz de se manter inovadora. “É uma perda não só para a Apple, mas para todas as marcas, já que quase tudo o que Jobs fez foi copiado pelos concorrentes”, lamentou. Vils ressaltou ainda que Jobs inovou em todas as linhas, tanto do produto em si (hardware), quanto no modelo de negócio e no sistema operacional (software), contra concorrentes que são fortes apenas em um desses pontos.

Se as vendas de aparelhos da Apple não apresentaram oscilações significativas no primeiro dia após a morte de Jobs, itens ligados ao gênio da tecnologia, como a malha preta que sempre ostentava, da marca St Croix, venderam 100% a mais ontem. (Colaborou Carolina Vicentini)

